



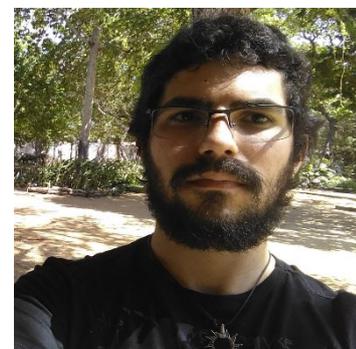
www.doi.org/10.21680/2763-6488.2019v1n1ID24858

Não quero ser assim, não posso ser. Não irei ser assim!

Iniciei o Estágio I. Já havia me apresentado ao professor e aos alunos anteriormente, mas sem um olhar mais dedicado. Desta vez, cada espaço estava sob o olhar crítico de um futuro professor e profissional atuante. Como ainda não sabia o direcionamento dos pensamentos ou sobre o que me seria desafiado a pensar no espaço da disciplina resolvi voltar minha atenção para estrutura escolar. Percebi que havia acessibilidade para pessoas com deficiência desde o piso tátil até as rampas para cadeirantes. Vi também que toda a área interna era bem cuidada. A única sala visitada naquele dia foi a biblioteca que não parecia ser usada a algum tempo devido o cheiro característico. Claro que podia estar enganado era apenas o primeiro dia. Nesta oportunidade conversamos com a professora de religião que estava em planejamento e nos levou para um *tour*. Ela nos mostrou salas não utilizadas (informática e laboratório), o que já me deixou com a pulga atrás da orelha, fiquei me questionando o motivo. No fim ela nos apresentou o professor de ciências e nos deixou. Minha impressão era que existiam muitas possibilidades de intervenção no local, mas ainda era cedo para tirar qualquer conclusão.

Terminei o dia ansioso pela próxima visita, com sede de descobrir por qual razão salas que considero ferramentas importantes estavam fechadas. Hávamos sido desafiados na disciplina de Estágio I a escolher uma problemática e desenvolver uma investigação. No retorno ao campo de estágio procurava selecionar a melhor problemática dentre tantas da realidade vivida. Já havia percebido um ou outro, mas que não me havia prendido a atenção.

Desta vez era diferente. Ainda estava curioso sobre o laboratório e lembrei-me que o professor nos informou, em visita anterior, que durante o intervalo poderia nos mostrar caso a gente quisesse. Não deu outra! O som de uma música anunciava o horário do intervalo, eu não mencionei anteriormente, mas cada período de aula é anunciado através de músicas, populares. Esperamos o professor descansar um pouco e faltando, mais ou menos, dez minutos para o final do intervalo, o chamamos e pedimos que nos mostrasse o espaço. Finalmente ia ver o que de fato acontecia para que aquele espaço de aprendizado não fosse usado. Imaginei "N" coisas como, por exemplo, teias e



Joab Wésley
Braga Costa

Aluno do 7º período do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Orientadora de Estágio: Profª. Drª. Mayara Larrys

mais teias de aranhas, lixo espalhado, teto desabando, enfim, imaginei o pior, mas para minha surpresa, o laboratório estava impecável. No meu olhar, o que faltava de material poderia ser compensado com produtos de fácil acesso. Após o professor nos sinalizar que deveria voltar para a sala, decidi a partir daquele momento que aquele seria o foco da investigação proposta pela disciplina.

Nas visitas seguintes decidi acompanhar as aulas do professor em diferentes momentos, antes e pós recreio.

Sabe aquela vontade de agir, de fazer algo? Pensei em várias estratégias que poderiam ser desenvolvidas para implicar os alunos, chamar sua atenção, mas não podia fazer nada ainda, não em termos de regência.

Essa insatisfação me levou a começar a pesquisar possibilidades de uso do laboratório. Aproveitei as visitas para ouvir alguns alunos informalmente, geralmente quando se aproximavam curiosos pela minha presença. Notei que existe uma percepção ruim deles para com a ciência, principalmente por eles correlacionarem com suas aulas. Eu pensava: *Não quero ser assim... Não posso ser assim... Não irei ser assim.*

Às vésperas do dia do professor, me organizei uma vez mais para uma nova visita a escola.

Será que aconteceria algum evento e ou alguma menção a este dia? Até mesmo algo elaborado pelas turmas aos professores, organizado pela coordenação. Cheguei na escola e, de fato, havia sido preparada um grande surpresa e para mim! Balões? Cartazes? Abraços? Não! A escola estava fechada.

Anteciparam o feriado e somente algumas pessoas da parte administrativa estavam por lá. Perdi a viagem? Claro que não! Resolvi conhecer os arredores da escola. Ela possui uma praça que praticamente esconde sua fachada. A praça tem um pequeno cercado que delimita a passagem para seu interior, possui árvores que protegem os transeuntes dos raios de sol, bem como todo e qualquer aluno que esteja brincando no parquinho.

Em meio a isso o corre-corre de pessoas que ali passam, e algumas que observam com desdém e desconfiança a todos e, principalmente, estranhos. A escola ocupa todo o quarteirão e seus fundos levam a uma garagem por onde geralmente deixo *Millenium Falcon*, minha moto. Esta garagem está voltada para uma rua muito movimentada, onde já vi alunos atravessando após a aula. Me dei conta que não há faixa de pedestres e do risco que estes alunos correm. Retornei para escola, muito vazia, sem propósito e sem som. Hora de ir.

Já não via a hora de voltar e acredito que nem dormi muito bem pensando nisso. É engraçado esta sensação de pertencimento em tão pouco tempo de convívio. Acho que a

*“É engraçado esta
sensação de
pertencimento em
tão pouco tempo
de convívio”*

vontade de fazer algo é tão grande, que mesmo entendendo que não posso fazê-lo ainda, o simples fato de estar lá e analisar já me sacia.

Questionários e entrevistas impressos, chegou o dia de produzir os dados da investigação. A observação nos levou a proposição de um questionário para entender a importância de aulas práticas. Abordamos os alunos do 9º ano do turno matutino e uma outra colega abordou o turno vespertino.

Foi engraçado ver as mudanças de expressão deles enquanto explicávamos sobre o motivo do questionário. Eu imagino que quando viram aqueles papéis pensaram ser uma prova enorme (primeira expressão), mas quando se apropriaram dos questionários era ouvido em uníssono um - *ah!* (aliviados). Tomamos o resto do dia para decidir como avaliar dos dados e que ferramentas iríamos usar. Na última visita decidi acompanhar a aula do colega de Estágio III. Era uma aula sobre o ar e suas propriedades. O professor dividiu a turma,



.....

entre os que estavam em recuperação e os que estavam com notas boas. Após a segregação, o professor levou os alunos que estavam em recuperação para a biblioteca para uma prova e deixou os demais aos cuidados do estagiário. O estagiário olhou para mim e me pediu ajuda. Vocês já devem imaginar que eu não neguei, não é?

Para construir sua explicação sobre as diferentes moléculas, em uma parte da aula foram usadas sementes (amendoim, feijão e milho). Já imaginei o que ia acontecer. Me senti em uma trincheira. Logo as sementes tornaram-se projéteis que tinham como alvo qualquer um. Em meio a isso tudo o colega tentou prosseguir com a aula, em vão.

Resolvi sair da passividade. Pedi um pouco de atenção, com êxito - Minha barba? Minha cara carrancuda? Não sei.

Continuei usando como exemplo o fato de alguns estarem degustando o exemplo da aula (amendoim), que já tinha sido chutado, passado por várias mãos e relatei com aulas que tiveram anteriormente, sobre a falta de higiene e sobre as formas de contaminação por parasitas presentes no solo.

Tive algum momento de atenção, mas o sinal do recreio anunciava o fim de qualquer "parola" entre os alunos e eu.

No final da aula conversei com o colega sobre o corrido e discutimos sobre possíveis estratégias de ensino com aquela turma. Só quando estava a caminho do trabalho que me dei conta que aquele era meu último dia na escola. Não me despedi de ninguém. Sorri. Eu já me sentia tão parte dali que não me toquei que haveria um final. Sorri novamente, pois voltarei em breve.

“Eu já me sentia tão parte dali que não me toquei que haveria um final”



.....